



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

WANDERSON DIEGO GOMES FERREIRA

**LITERATURA INFANTIL: OS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS NA
FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA**

**JOÃO PESSOA – PB
2025**

WANDERSON DIEGO GOMES FERREIRA

**LITERATURA INFANTIL: OS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS NA
FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Marinês Andrea Kunz.

**JOÃO PESSOA – PB
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F3491 Ferreira, Wanderson Diego Gomes.
Literatura infantil: os contos de fadas tradicionais
na formação do imaginário da criança / Wanderson Diego
Gomes Ferreira. - João Pessoa, 2025.
31f.

Orientação: Marinês Andrea Kunz.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Contos de fadas. 2. Imaginário infantil. 3. Anos
iniciais. I. Kunz, Marinês Andrea. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.2(043.2)

WANDERSON DIEGO GOMES FERREIRA

**LITERATURA INFANTIL: OS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS NA
FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Pedagogo, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelas professoras:

Aprovada em: 23/04/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



MARINES ANDREA KUNZ

Data: 25/04/2025 16:07:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Orientador(a)

Documento assinado digitalmente



FABRINI KATRINE DA SILVA BILRO

Data: 05/05/2025 10:53:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) 1

Documento assinado digitalmente



ANA PAULA PEREIRA DE ARAUJO

Data: 06/05/2025 10:02:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) 2

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus em primeiro lugar, pois sem Ele não teria conseguido alcançar os conhecimentos necessários para a construção deste trabalho.

A minha mãe e a minha irmã, que estiveram ao meu lado, principalmente nos momentos difíceis em que eu queria desistir. Também a meu amor, que passou várias noites em claro junto comigo, vivenciando todo o processo de construção desta pesquisa.

A minha Orientadora, professora Dra. Marinês Andrea Kunz, pela paciência durante o processo de construção desta pesquisa, por não ter desistido de me orientar. Além disso, por ter me ensinado que o conhecimento não é apenas juntar as ideias, mas transformá-las em conhecimentos futuros.

Aos professores do Curso de Pedagogia, que contribuíram no preenchimento de uma lacuna da didática que me incomodava e da qual sentia falta na minha primeira graduação, de modo que consegui desenvolver competências e habilidades no decorrer dos semestres de formação.

A todos que fizeram parte desta minha caminhada e que acreditaram na minha competência.

Resumo

Os contos de fadas ou maravilhosos têm um papel muito importante na formação literária das crianças e na formação cultural de diferentes sociedades. Apesar disso, as versões originais desses contos raramente são usadas em salas de aula, especialmente quando se trata de alunos dos anos iniciais. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é entender porque os docentes dos anos iniciais, em sua maioria, não utilizam os contos em seu planejamento. Esta pesquisa se divide em duas partes: primeiro, os principais dados históricos sobre o surgimento dos contos de fadas e sua importância na formação do indivíduo; em seguida, a análise do questionário estruturado, respondido por quatro docentes do quarto e quintos anos, atuantes na rede Municipal de João Pessoa-PB. A pesquisa é baseada em abordagens qualitativas e quantitativas, com base em teóricos como Bruno Bettelheim, autor de *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, e Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, autores de *Fadas no Divã*. Concluímos que os contos, além de despertarem a imaginação, ajudam no desenvolvimento da interpretação de texto e possibilitam debates sobre valores, cultura e até mesmo as transformações pelas quais passaram ao longo do tempo. Os contos oferecem às crianças uma excelente oportunidade de se conectar com temas mais profundas, não apenas expandindo seus horizontes culturais, mas também contribuindo para o enriquecimento do vocabulário e para o desenvolvimento da imaginação.

Palavras chaves: Contos de fadas; Imaginário infantil; Anos iniciais; Pedagogia.

ABSTRACT

Fairy tales or fairy tales play a very important role in the literary formation of children and in the cultural formation of different societies. Despite this, the original versions of these tales are rarely used in classrooms, especially when it comes to students in the early years. Thus, the objective of this research is to understand why teachers in the early years, for the most part, do not use fairy tales in their planning. This research is divided into two parts: first, the main historical data on the emergence of fairy tales and their importance in the formation of the individual; then, the analysis of the structured questionnaire, answered by four teachers of the fourth and fifth years, working in the Municipal network of João Pessoa-PB. The research is based on qualitative and quantitative approaches, based on theorists such as Bruno Bettelheim, author of *The Psychoanalysis of Fairy Tales*, and Diana Lichtenstein Corso and Mário Corso, authors of *Fadas no Divã*. We conclude that fairy tales, in addition to awakening the imagination, help in the development of text interpretation and enable debates about values, culture and even the transformations they have undergone over time. Stories offer children an excellent opportunity to connect with deeper themes, not only expanding their cultural horizons, but also contributing to the enrichment of vocabulary and the development of imagination.

Keywords: Fairy tales; Children's imagination; Early years; Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. Contos de Fadas: Origens, Funções e Significados	12
1.1 Contos de fadas segundo pesquisadores	12
1.2 A Importância dos Contos de Fadas	16
2. Relatos e Realidades: o olhar dos docentes sobre os Contos de Fadas	21
2.1. Relatos de professores sobre os contos de fadas	21
2.2 Resultados e discussões	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas têm um papel muito importante na formação literária das crianças e na formação cultural de diferentes sociedades. Essas histórias, cheias de magia, simbolismos e lições importantes, atravessaram gerações e fazem parte do repertório cultural de muitos povos. No entanto, mesmo com toda sua relevância literária e pedagógica, as versões originais desses contos raramente são usadas em salas de aula, especialmente quando se trata de alunos dos anos iniciais (OLIVEIRA, 2016).

Um dos motivos principais é que muitos acreditam que os contos originais não são apropriados para crianças pequenas. Histórias como as dos Irmãos Grimm e Charles Perrault, em suas versões sem adaptações, trazem elementos considerados impactantes demais, como violência e situações assustadoras. Por exemplo, na versão original de *Chapeuzinho Vermelho*, a protagonista morre em algumas versões, e em *Cinderela*, existem cenas de automutilação e punições severas. Esses elementos, que costumam ser suavizados em adaptações modernas, acabam sendo vistos como inapropriados para a faixa etária dos anos iniciais (Falconi, Farago, 2015)

Nessa esteira, outro ponto é a preocupação com o impacto emocional que esses contos podem ter nas crianças. Muitos professores e familiares temem que histórias tão sombrias ou moralmente complexas possam assustar ou confundir as crianças, comprometendo seu desenvolvimento emocional e cognitivo. É comum que se prefira trabalhar com versões mais leves e com finais felizes, que parecem mais seguros e adequados para o universo infantil (Falconi, Farago, 2015).

Além disso, o próprio funcionamento das escolas muitas vezes dificulta o uso dessas histórias em suas versões originais. Os currículos escolares são formulados para atender a objetivos específicos, e isso acaba limitando o espaço para textos literários mais complexos, que exigem interpretações mais elaboradas. As versões adaptadas, por outro lado, costumam ser mais simples e, aparentemente, permitem uma adaptação melhor às atividades pedagógicas planejadas para o desenvolvimento da leitura e compreensão textual nos anos iniciais.

Por fim, é importante lembrar que trabalhar com as versões originais dos contos de fadas exige preparo por parte dos professores. Isso inclui pensar em formas de abordar temas delicados com sensibilidade, levando em conta tanto o

contexto das histórias quanto a maturidade emocional dos alunos. Muitos educadores não se sentem confiantes ou preparados para essa tarefa, o que também contribui para que essas narrativas sejam deixadas de lado. Mesmo assim, não se pode negar que os contos de fadas originais são ricos em significado e podem trazer experiências muito valiosas para as crianças. Buscar maneiras criativas e cuidadosas de incluir essas histórias na sala de aula pode ser uma oportunidade única de ampliar o repertório literário dos alunos e oferecer a eles uma visão mais profunda do mundo que os cerca, além de desenvolver seu imaginário.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é entender porque os docentes dos anos iniciais, em sua maioria, não utilizam os contos de fadas originais em seus planos de aula e na sequência propor uma proposta de aula para as turmas do quarto ou quinto ano do ensino fundamental, usando o conto *Um Palácio Noite Adentro*, de Marina Colasanti, que é um conto de fadas moderno.

A pesquisa foi organizada da seguinte forma: primeiro retrata dados históricos sobre o surgimento dos contos de fadas, os principais autores, os contos de fadas modernos e a importância da leitura dos contos em sala de aula. Após, o segundo capítulo apresenta a pesquisa realizada a partir de um questionário estruturado, com perguntas abertas, junto a quatro docentes dos anos iniciais, atuantes na rede municipal de João Pessoa-PB, sobre sua visão acerca dos contos de fadas e a utilização em sala de aula. Por fim, o terceiro capítulo trata da proposta de aula para as turmas do quarto ou quinto ano dos anos iniciais, usando o conto *Um Palácio Noite Adentro*, de Marina Colasanti.

Esta pesquisa tem caráter exploratório, pois busca “proporcionar mais informações sobre o assunto [...], possibilitando sua definição e seu delineamento” (Prodanov, Freitas, 2013, p. 51). Envolve, assim, a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados por meio de questionário. Dessa forma, é baseada em abordagens qualitativas e quantitativas. Na pesquisa qualitativa, o autor busca compreender um determinado fenômeno com base nas percepções e experiências dos envolvidos, valoriza as opiniões e sentimentos expressos, lançando assim mais luz sobre o tópico em discussão (Gil, 2002). Por sua vez, isso pode ser aplicado na prática ao estudo do campo educacional, por exemplo, ajudando a entender as opiniões dos professores sobre as questões de metodologia, com a abordagem de informações sobre os desafios que surgem no processo de ensino e aprendizagem do aluno. A pesquisa estará em posição de proporcionar uma análise muito mais próxima da

realidade ao explicar as maneiras como os educadores percebem dificuldades no ensino. E isso envolve a pesquisa quantitativa, que difere da anterior por dar mais concentração à análise de dados, buscando padrões e relacionamentos entre as variáveis observadas (Fonseca, 2002). Os questionários produzem informações concretas para uma visão geral da situação em uma perspectiva mais ampla e podem ser aplicados para medir o desempenho de uma nova metodologia adotada.

Desde o período de estágio obrigatório nos anos iniciais do ensino fundamental, sempre me chamou atenção a condução das educadoras que acompanhei, principalmente nos planos de aula no que diz respeito à utilização de contos de fadas na educação básica. Ao observar os planos das professoras, notei que as versões dos contos originais eram colocadas de lado, sendo substituídas pelos contos adaptados de forma mais suavizada, o que despertou a curiosidade sobre os motivos pelos quais as professoras escolhiam os tipos de textos que seriam trabalhados na aula. Assim, abriu margem aos questionamentos: Seria por falta de conhecimento sobre os textos originais? Receio de que o conteúdo não seja adequado para as crianças? Ou o que os pais vão falar sobre os textos abordados em sala?. Como relata Bettelheim (2002, p, 149): “Alguns pais temem que os filhos sejam arrebatados pela fantasia; que, expostos aos contos de fadas, passem a acreditar em mágica”. Com isso, essas questões me motivaram a investigar o assunto de forma mais aprofundada.

Ao perceber essa realidade, senti a necessidade de buscar caminhos que resgatassem o valor dos contos de fadas originais no ensino. Esses contos, além de despertarem a imaginação, ajudam no desenvolvimento da interpretação de texto e possibilitam debates sobre valores, cultura e até mesmo as transformações pelas quais os alunos passaram ao longo da vida.

1. Contos de Fadas: Origens, Funções e Significados

Partindo dos estudos teóricos, iniciaremos apontando elementos conceituais da origem, função e significados segundo Bruno Bettelheim. Também buscamos compreender o papel da escola na formação do leitor crítico e criativo.

1.1 Contos de fadas segundo pesquisadores

Segundo Bettelheim, os contos de fadas abordam elementos universais presentes nas emoções humanas, como medo, abandono, coragem, o desejo de superação, inveja, amor. Desse modo, fica claro que as histórias não surgiram apenas para divertir as crianças, pois sendo transmitidos pela oralidade por gerações, esses contos têm passagem profundas na experiência humana, carregando significados e mensagens que estão ligados ao inconsciente. Com isso,

Em vários contos de fadas um usurpador consegue por algum tempo tomar o lugar que corretamente pertence ao herói - assim como as irmãs malvadas fazem em "Borracheira". Não é o fato do malfeitor ser punido no final da estória que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde (Bettelheim, 2002, p.15).

Partindo do pensamento do autor, os contos surgiram da necessidade que os adultos tinham de lidar com os problemas conflituosos, sobretudo quando se trata de ensinar ou conversar com as crianças, particularmente no período da infância, quando tudo parece ter proporções bem maiores e bem mais ameaçadoras (as bruxas, as madrastas más, os lobos, entre outros vários desafios presente do desenvolvimento infantil).

As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes - não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo. Um irmão é tolo, o outro esperto. Uma irmã é virtuosa é trabalhadora, as outras são vis e preguiçosas. Uma é linda, as outras são feias. Um dos pais é todo bondade, o outro é malvado. A justaposição de

personagens opostos não tem o propósito de frisar o comportamento correto, como seria verdade para contos (Bettelheim, 2002, p.17).

Bettelheim observa que os contos são mecanismos de desenvolvimento psicológico, contribuem para as crianças classificarem seus medos ou anseios, lidando com as frustrações, aprendendo que, mesmo perante as dificuldades, os dias melhores podem aparecer, mas para vencer no final, o herói/a heroína precisa passar por todo o processo. Muito diferente dos contos suavizados, os contos originais apresentam traços autênticos, duros e sombrios, ponderando as dificuldades da vida, mas também dando esperanças dos dias transformadores e melhores.

Além disso, as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mau. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também (Bettelheim, 2002, p.17).

Desse modo, fica claro na fala de Bettelheim que, ao negar os contos de fadas originais às crianças, impossibilita-se a realização de suas escolhas, privando-as de oportunidades de aprender com os símbolos e a fantasia que estão presentes nos personagens, nos conflitos e nos desfechos, assim impedindo-a de conseguir compreender as situações e as emoções mais complexas da vida. Justamente as crianças conseguem, por meio da simbologia dos elementos dos contos, traçar caminhos e meios que não conseguiriam entender racionalmente.

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir

de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis (Bettelheim, 2002, p.18).

Podemos compreender, segundo o autor, que os contos de fadas originais vão além de um simples contar de histórias. Os contos refletem a alma humana, tanto para o adulto quanto para a criança, pois, ao se aprofundarem nas histórias, se deparam com situações de dores, dúvidas e esperanças, fazendo ser necessário o contato desde os anos iniciais. Com isso, Bettelheim enfatiza que os adultos não querem o contato das crianças com os contos originais, porque podem apresentar um desconforto pelas cenas de violência, rejeição, morte e abandono. Como esses sentimentos podem provocar algum desconforto ao próprio adulto, acreditam que nas crianças vai ser da mesma forma, contudo, é uma forma dos próprios pais ou até os educadores projetarem seus próprios medos e inseguranças, isso em uma tentativa de proteger a criança de algo assustador.

Contudo, Bettelheim relata que

Algumas pessoas consideram que os contos de fadas não apresentam quadros de vida "verdadeiros", e que, por conseguinte, são pouco saudáveis. Não lhes ocorre que a "verdade" na vida de uma criança possa ser diferente da dos adultos. Não percebem que os contos de fadas não tentam descrever o mundo externo e a "realidade". Nem reconhecem que a criança sadia nunca acredita que estes contos descrevam o mundo realisticamente. Alguns pais temem que contar aos filhos os casos fantásticos dos contos seja "mentir" para eles. Esta preocupação é alimentada pela pergunta da criança: "Isto é verdade?". Muitos contos de fadas oferecem a resposta antes da questão ser proposta - a saber, no início mesmo da estória. Por exemplo, "Ali Babá e os quarenta ladrões" começa assim: "Em dias de outrora, em tempos e épocas longínquas...". A estória dos Irmãos Grimm, "O Sapo Rei", ou "Henrique de Ferro" começa desta forma: "Nos velhos tempos, quando desejar ainda nos ajudava...". Estes começos deixam bem claro que as estórias ocorrem num nível diferente do da "realidade" cotidiana (Bettelheim, 2002, p.147).

Segundo Bettelheim, os pais subestimam as crianças, pensam que não são fortes o suficiente para enfrentar e solucionar os conflitos emocionais, deste modo, preferem suavizar ou limitar os contos. Mas o psicanalista argumenta que as crianças necessitam desses elementos, pois com isso vão aprender a nomear seus próprios medos e anseios, uma vez que os contos originais sugerem lugares seguros para que sejam trabalhadas as emoções de forma simbólica, sem causar danos.

Partindo disso, entendemos que os adultos atuais apresentam dificuldade em compreender que viver o processo, o sofrimento é necessário para um bom desenvolvimento, porque acreditam que as crianças precisam estar livres de conflitos, possibilitando-lhes um mundo “perfeito”, mas junto desse mundo perfeito, os pais ou educadores acabam negando que não existe esse mundo perfeito, impossibilitando a criança de enfrentar os desafios que uma hora ou outra vão aparecer na sua vida.

Os contos de fadas, na obra *Fadas no Divã*, de Diana e Mário Corso, são expostos sob a ótica da Psicanálise, quanto à função simbólica na formação psíquica das crianças, contudo, as versões adaptadas suavizam elementos considerados violentos ou inadequados para as crianças. Além disso, os contos tradicionais trazem narrativas que abordam desafios, medos e conflitos por meio de elementos simbólicos, não de forma direta. Histórias como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Branca de Neve* refletem questões sobre desenvolvimento, rivalidade familiar e superação de dificuldades, permitindo que a criança elabore suas emoções e ansiedades por meio da fantasia (Kielb, Silva, 2022).

Deste modo,

as narrativas populares européias, matrizes dos modernos contos infantis que, a partir das adaptações feitas no século XIX, passaram a integrar a rica mitologia universal, não apresentavam a riqueza simbólica que faz dos contos de fadas um depósito de significações inconscientes aberto à interpretação psicanalítica. Na verdade, eles nem eram destinados especificamente às crianças, nem pareciam aliados a uma pedagogia iluminista. A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês (Corso e Corso, 2006, p. 15)

Desse modo, a leitura literária desempenha um papel central na formação educacional dos alunos, proporcionando diferentes experiências estéticas e favorecendo outros campos do conhecimento, de forma a possibilitar-lhes compreender a si mesmas e aos outros por meio da prática da linguagem. Desse modo, sendo expostos a vários elementos fantásticos, aproximamo-nos do humano,

mudamos nossa existência e experimentamos a vida e o mundo desconhecido das obras literárias (Gugel, Lângaro, 2013).

Desse modo, os contos de fada fazem parte dos pilares da literatura infantil, sendo um reflexo cultural e moral do século XIX. Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm coletaram e publicaram histórias que, embora populares e voltadas para crianças, foram originalmente direcionadas ao público adulto e ao cotidiano do lar. Com o passar dos anos, esses contos foram adaptados da versão original, porém os temas mais profundos e às vezes sombrios foram colocados de lado, mas continua a ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento das crianças.

O uso desses contos adaptados se tornou uma forma suavizada de entretenimento, porque socialmente os contos originais foram vistos como inapropriados para crianças. Segundo Bettelheim, os contos de fadas carregam elementos universais presentes nas emoções humanas como medo, o abandono, a coragem, o desejo de superação, a inveja, o amor. Desse modo, muitos professores sentem dificuldades na utilização desses contos na sala de aula, sendo um desafio pensar em planos de aula, particularmente em um período em que todos os olhares estão voltados para a proteção da criança e do adolescente. No entanto, é justamente por meio dessas histórias vistas como inapropriadas que se pode trabalhar questões importantes como o pensamento crítico, a criatividade, embate com o medo e a moral.

1.2 A Importância dos Contos de Fadas

Investiu-se em obras paradidáticas conhecidas como clássicas da literatura, com isso, a presença das obras literárias nas escolas só cresceu, tornando-se essencial para a aprendizagem e a formação do leitor. Exemplos de obras indicadas: “Cinco Minutos” de José de Alencar; “Engenho da felicidade”, de Edvaldo Arlégo. Esses exemplos são alguns livros paradidáticos que estão presentes em sala de aula e em planejamentos de alguns professores, que apresentam obras consideradas clássicas da literatura e contemporâneas como as obras do escritor Edvaldo Arlégo pouco conhecido. Obras essas que não são indicadas para os anos iniciais, porém é o que está sendo fornecido pelas bibliotecas de algumas escolas dos anos iniciais, suprimindo a necessidade e solicitação de alguns educadores que estão nos 4º e 5º anos dos anos iniciais.

Com isso, os contos originais são pouco usados, por não entrarem no planejamento, uma vez que o professor não tem tanta familiaridade com a leitura ou tem o receio da recepção das crianças ou dos pais, entre outros fatores, fazendo com que a obra literária fique escanteada.

Precisamos entender, como docentes e pesquisadores, que a formação do aluno leitor é importante, desse modo, fica evidente que precisamos pensar em metodologias que deixem de lado a forma tradicional de usufruir um texto, ou seja, uma aula tradicional apenas de consumir textos nas leituras não faz o aluno pensar de forma crítica, tendo em conta que o texto apresenta sua própria complexidade. A teoria literária pode ajudar a esclarecer conceitos e as ideias vivenciadas nas obras, precisamos pensar no ensino como uma nova direção (Gugel, Lângaro, 2013).

Portanto, o professor precisa decidir por não ser passivo ou rejeitar as obras literárias, não distorcer ou falsificar o ensino. A arte da leitura deve ser concebida e priorizada por meio de uma leitura pessoal, pois a vivacidade da obra é dada pelo leitor por meio da interação entre o texto e o consumidor, como propôs Jauss em "Estética da Recepção" (Sousa, Machado, 2014).

As histórias originais dos Irmãos Grimm são estudadas por vários pesquisadores, pois contribuem bastante com o aprendizado dos alunos. Essas histórias estão repletas de ensinamentos importantes sobre bons e maus costumes. Contos como *Cinderela* e *João e o Pé de Feijão* tratam sobre justiça e perseverança. Conseqüentemente, analisar essas histórias com os alunos na sala de aula pode mediar a compreensão dos significados mais complexos do que se pensa sobre certo ou errado, incentivando reflexões profundas e a discussão crítica relevante.

Desse modo, Silva (2003) relata que o papel da escola é formar leitores críticos e autônomos. Porém, de fato, diante de outras concepções de leitura que ainda norteiam a prática escolar, essa concepção ainda parece perdida, uma vez que a escola prioriza ler como consumir textos rapidamente. Assim, a troca de experiências, a discussão dos textos e a ênfase na compreensão dos alunos tornaram-se atividades negligenciadas em segundo plano.

As crianças sentem vontade de se expressar com a leitura e os espaços durante as conversas, de modo que podemos criar um ambiente onde as crianças se sintam seguras para expor suas emoções. Além disso, as histórias originais são parte importante do nosso patrimônio literário e cultural. Como relata Krug (2015),

com o passar dos anos, os estudos sobre a literatura se desenvolveram gradativamente, seguindo a ideia de que a literatura contribui na formação significativa do indivíduo, que pode tornar-se particularmente crítico, mediante experiências diversificadas ao longo de seu desenvolvimento educacional.

Ao compartilhar essas histórias com nossos alunos, oferecemos a eles uma excelente oportunidade de se conectar com uma tradição literária e histórica profunda. Isso não apenas expande seus horizontes culturais, mas também contribui para o enriquecimento do vocabulário e para o desenvolvimento da linguagem. Além disso, essa prática ajuda a fortalecer o senso de identidade cultural, à medida que eles compreendem as raízes e os fundamentos das narrativas que influenciaram tantas outras histórias ao longo do tempo.

O educador precisa empenhar-se na produção de ferramentas pedagógicas para atingir os objetivos de uma educação aprimorada, partindo de diversas características que compõem as variadas obras literárias. Segundo Conceição, Ferreira e Jesus (2018, p. 02), “a relação do leitor com o texto acontece a partir de vieses específicos, gerando uma relação que depende do “foco”, pois pode ser voltada ao texto, ao autor, ao contexto da criação literária, ou ao leitor e sua opinião mediante apreciação do texto”.

Esses contos trazem personagens aparentemente simples, mas que enfrentam conflitos e desafios significativos. Um aspecto importante dessas histórias é que elas permitem que as crianças se identifiquem com personagens como Rapunzel e Branca de Neve, o que ajuda a desenvolver uma perspectiva mais empática e sensível, uma habilidade essencial para a vida. Ao observar os desafios e as dificuldades que os personagens enfrentam ao longo das narrativas, as crianças começam a entender melhor as próprias emoções e as dos outros. Isso é fundamental para que, no futuro, se tornem adultos mais tolerantes, compreensivos e solidários.

O imaginário é uma parte essencial da infância. É através dele as crianças começam a explorar o mundo ao seu redor, experimentam ideias e criam suas próprias histórias. Nesse processo, os contos de fadas têm um papel especial. Essas histórias, cheias de magia e personagens únicos, encantam e, ao mesmo tempo, ensinam. Quando ouve um conto de fadas, a criança não apenas se diverte com a narrativa, mas também imagina cada detalhe: o castelo distante, o dragão assustador ou o herói corajoso. Essa prática de visualizar o que está sendo contado

é como um treino para a criatividade. Além disso, as crianças acabam aprendendo importantes lições de vida, como a importância de ser corajoso, de acreditar em si mesmo e de enfrentar desafios (Gonçalves, 2009).

Os contos de fadas também ajudam as crianças a lidarem com sentimentos difíceis. Medos e preocupações podem ser projetados nos personagens e resolvidos de maneira simbólica, em uma história. Isso traz conforto e segurança. Afinal, nos contos de fadas, o bem vence, e isso dá às crianças uma sensação de esperança e otimismo. Outro ponto importante é como essas histórias inspiram as crianças a criarem. Depois de ouvir um conto, é comum que os pequenos queiram desenhar as cenas, inventar finais diferentes ou até contar sua própria versão. Isso não é só diversão; é um exercício valioso de criatividade, algo que eles levarão para a vida inteira (Bettelheim, 2002).

Além disso, os contos de fadas conectam as crianças às tradições e à cultura. Eles trazem histórias que foram contadas por gerações e mostram como pessoas de diferentes épocas e lugares enxergam o mundo. Isso ajuda os pequenos a entenderem mais sobre outras culturas e também sobre si mesmos. Por isso, incentivar o contato com o imaginário dos contos de fadas é muito mais do que uma atividade divertida, é uma forma de ajudar as crianças a crescerem com criatividade, sensibilidade e confiança para enfrentarem os desafios da vida (Oliveira, 2008).

Os contos infantis são ferramentas para atividades escolares, graças à sua versatilidade. Eles podem ser usados em dramatizações, ilustrações e adaptações criativas, envolvendo os alunos de maneira que tornam o aprendizado mais significativo, dinâmico e divertido. Essas atividades estimulam habilidades comunicativas, promovem o trabalho em equipe e incentivam a expressão artística.

Seguindo esse pensamento, Costa (2012, p. 01) afirma que “o conceito de texto literário como puro fenômeno, pressupõe a presença do leitor como a figura que percebe, em sua consciência, a essência da criação literária”. Aprender não se resume a ler e escrever, é também sobre crescer social e emocionalmente. Usar os contos originais em sala de aula é uma forma eficaz de apoiar o desenvolvimento integral dos alunos. Incorporar essas histórias no ensino é uma estratégia poderosa que enriquece o aprendizado em vários níveis. É uma oportunidade valiosa para ajudar as crianças a se tornarem pessoas mais completas e preparadas para o mundo.

Quando se envolvem com as histórias, as crianças começam a adicionar seus próprios detalhes, criar novos personagens ou até mesmo a trazer à tona elementos que passaram despercebidos pelo contador. Essas narrativas são essenciais para que elas construam sua própria identidade e entendam melhor as dinâmicas familiares. Outro ponto fundamental é o laço afetivo que se forma entre a criança e quem narra a história (Dantas, 2019).

O ato de contar e ouvir histórias, especialmente quando se está próximo de alguém querido, cria um espaço de troca de experiências e sentimentos bons. Desse modo, as crianças passam a se interessar tanto por histórias inventadas quanto pelas que estão nos livros, o que abre portas para misturar o real com o imaginário. Contar histórias é importante não só para as crianças mais novas, mas também para aquelas que já sabem ler, pois, ao ouvir, desenvolvem ainda mais sua imaginação, o que as estimula a pensar, desenhar, criar e reinventar (Dantas, 2019).

Os contos de fadas nos ajudam a entender os desafios internos que as pessoas enfrentam e, mais importante, mostram soluções para essas dificuldades, especialmente quando são apresentadas de uma forma que as crianças consigam entender. Com isso, elas podem lidar melhor com suas próprias situações, desde que seus sentimentos permitam. Como o mundo pode ser confuso e assustador, a criança precisa de momentos que a ajudem a se compreender e a encontrar seu lugar nesse cenário complicado (Falconi, Farago, 2015)

As crianças encontram nos contos mensagens valiosas, que falam tanto à parte consciente quanto àquela mais profunda, que elas não percebem diretamente. Essas histórias não só estimulam seu crescimento, como também aliviam algumas das pressões que sentem, sejam conscientes ou inconscientes. Conforme vai se desenrolando, a história abre caminhos para que a criança entenda como lidar com seus sentimentos e expectativas, equilibrando suas emoções com aquilo que o mundo espera dela (Falconi, Farago, 2015).

2. Relatos e Realidades: O Olhar dos docentes sobre os Contos de Fadas

Foi necessário dialogar com os educadores que estão ativamente em sala de aula, com isso, apresentei aos mesmos um questionário com dez questões objetivas e subjetivas, com o intuito de observar os relatos e as realidades vivenciadas com o uso dos contos em sala de aula.

2.1 Relatos de professores sobre os contos de fadas

Surgiu a necessidade de conversar com alguns professores, sobre as inquietações e sondar como esses profissionais que já estão atuando em salas de aula de quarto e quinto ano compreendem a temática da pesquisa. Para isso, foi elaborado um questionário com perguntas abertas, possibilitando respostas detalhadas e subjetivas, para o entrevistado expor percepções, motivações e sentimentos. Também, segundo Fonseca (2002), o método de análise quantitativo está inteiramente ligado à objetividade, compreendendo resultados através de dados coletados com utilização de instrumentos apropriados, como o questionário que usamos com opções de resposta pré-definidas, assim que os dados obtidos foram abordados estatisticamente, como podemos apreciar a seguir.

A coleta de dados foi realizada no período de março de 2025, na Escola Municipal Dom Helder Câmara, localizada no bairro do Valentina, em João Pessoa - PB. De acordo com o local e o objetivo da pesquisa, a amostra foi constituída por professores que já atuam no quarto e no quinto ano do ensino básico. A escolha da escola surgiu pelo fato de eu já estar trabalhando na mesma, porém estou atualmente atuando nos anos finais do ensino fundamental, no turno da tarde, enquanto os entrevistados são do turno da manhã.

Os critérios de participação foram: aceitar participar da pesquisa; estar atuando em uma das séries pré-estabelecidas (quarto ou quinto ano); comprometer-se a responder às questões. Os critérios de exclusão: não estar atuando como professor nas séries pré-estabelecidas. A pesquisa não ocasionou riscos para os entrevistados, porque a coleta foi realizada através de questionário, mantendo o sigilo de informações pessoais. Os participantes foram esclarecidos do caráter voluntário e sigiloso da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre

Esclarecido (TCLE), sendo duas vias - uma para o entrevistado e outra para o pesquisador.

2.2 Resultados e discussões

A pesquisa contou com a participação de quatro professores, dois atuando no quarto ano e dois no quinto ano dos anos iniciais, no turno da manhã, na Escola Municipal Dom Helder Câmara, situada no bairro do Valentina, em João Pessoa - PB. Como se pode notar nos Quadros 1 e no 2, são apresentadas as características da amostra entrevistada e como eles vão ser identificados durante as discussões.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados 4º ano.

	Há quanto tempo leciona?	Pós-graduação?
Prof. 1 (4º ano)	24 anos	Psicopedagogia Institucional, clínica e hospitalar.
Prof. 2 (4º ano)	10 anos	Arte educacional.

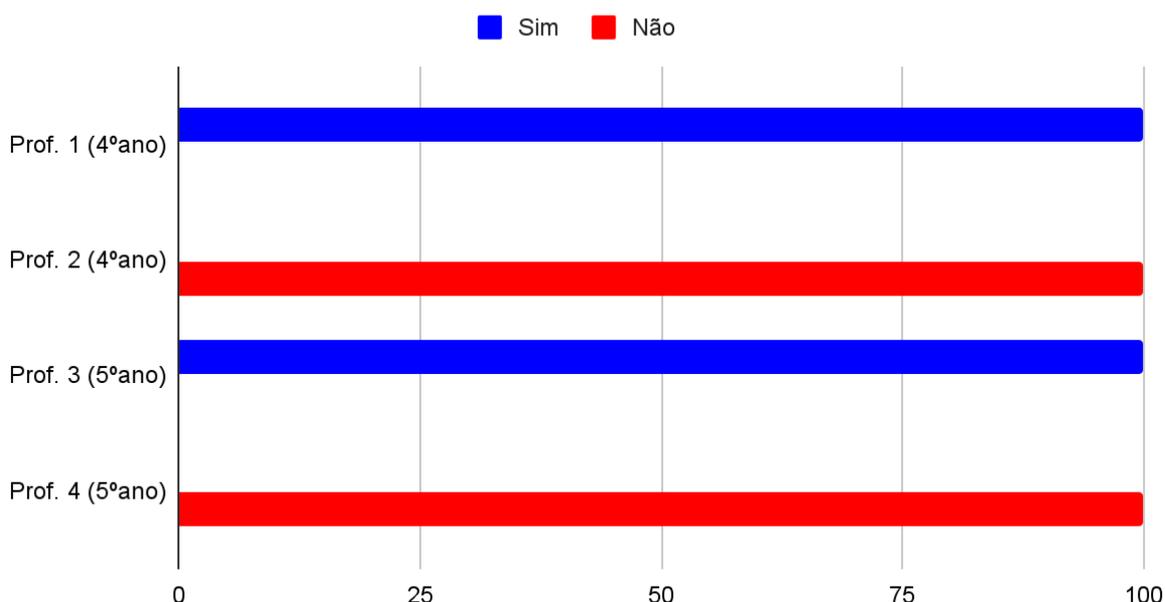
Quadro 2 - Perfil dos entrevistados 5º ano.

	Há quanto tempo leciona?	Pós-graduação
Prof. 3 (5º ano)	5 anos	Psicopedagogia.
Prof. 4 (5º ano)	10 anos	História da América.

Nos quadros 1 e 2, podemos notar as diferenças no tempo de atuação e nos cursos de Especialização escolhidos pelos entrevistados, pois, como é amplo, o curso de Pedagogia possibilita os mais diversos campos de atuação e aprofundamento.

Gráfico 1 - Primeira pergunta.

Você já utilizou contos de fadas originais em suas aulas?



Com base nesta primeira pergunta, questionamos: Qual o principal motivo pelo qual você utilizou ou não utilizou os contos de fadas originais em suas aulas?. Obtivemos as seguintes respostas.

Quadro 3 - Respostas da segunda pergunta.

Prof. 1 (4º ano)	Eu uso contos de fadas originais para dar aos meus alunos uma compreensão mais profunda da cultura e da história.
Prof. 3 (5º ano)	Porque são personagens bem conhecidos e a criança conhece todo o enredo, podendo narrá-lo oralmente.

Segundo Falconi e Farago (2015), o processo de imaginação e criação do mundo mágico das histórias parte de alguns estímulos, que vêm das contações de histórias, aliados ao grande papel do professor, pois pode desenvolver o interesse da criança, quando lhe proporciona uma boa leitura ou atividade sadia. Nessa perspectiva, esses contos podem ser um grande aliado ao educador.

É de muita importância para a criança dar sentido coerente aos seus sentimentos, por isso precisa de ajuda e ideia de como colocar em ordem seus sentimentos e sua educação deve partir de conceitos significativos. Esse tipo de significado, ela encontra ao ser ouvinte ou

ao ter contatos com os contos de fadas. Com os contos de fadas a criança começa a se encontrar no seu ser psicológico e emocional. Trata-se do enriquecimento a vida interior da criança, onde problemas internos podem ser compreendidos, ajudando a criança criar conceitos e entender os processos vivenciando vivencias reais. Podemos caracterizar os contos de fadas como sendo o mal e a virtude caminhando juntos (Falconi, Farago, 2015. p. 87).

Como relata Bettelheim, “Antes que a criança chegue a controlar a realidade, deve ter algum esquema de referências para avaliá-la” (Bettelheim, 2002. p.149). Deste modo, podemos notar que os professores 1 e 3 seguem uma linha de aprofundamento, pensando no desenvolvimento desse processo de imaginação e criação da magia em seu repertório infantil.

Quadro 4 - Respostas da segunda pergunta.

Prof. 2 (4º ano)	Por apresentar uma narrativa com elementos sombrios.
Prof. 4 (5º ano)	Porque a grande maioria traz questões utópicas, além de estereótipos femininos que julgo inadequados.

Conforme as respostas, notamos as diferentes opiniões entre os professores na tabela 3 e 4, ou seja, os professores 1 e 3 estão utilizando os contos pensando nos elementos que podem ser usados para o desenvolvimento do aluno sem a preocupação de tratá-lo de forma infantilizada ou racional demais. Já os dois entrevistados na tabela 4 enfatizam a preocupação que a sociedade criou, transformando os contos de fadas em algo negativo, como menciona Bettelheim: “algumas pessoas consideram que os contos de fadas não apresentam quadros de vida verdadeiros, e que, por conseguinte, são pouco saudáveis” (Bettelheim, 2002. p.147). Bettelheim em seu livro faz alguns apontamentos, principalmente quando ele fala das crianças, relatando que

não existe dragão na Inglaterra é tudo o que ela deseja ouvir. Os contos de fadas continuam, declaradamente não estão, em princípio, preocupados com a possibilidade, mas com a desejabilidade. A criança o reconhece claramente, já que nada é mais verdadeiro para ela do que o que ela deseja (Bettelheim, 2002, p.148).

Todavia, notamos que os alunos não estão preocupados ou interessados se o que acontece nos contos de fadas é verdadeiro ou falso, pois o que mais interessa é

como acontece a história ou o desfecho do conto. Deixa-se claro que a preocupação é inteiramente do olhar do adulto. A pergunta a seguir enfatiza ainda mais essas primeiras falas, pois podemos notar, no quadro 5, a opinião dos entrevistados sobre a terceira pergunta: “Você acredita que os contos de fadas originais contêm elementos inadequados para crianças nos anos iniciais? Comente sobre.”.

Quadro 5 - Respostas da terceira pergunta.

Prof. 1 (4º ano)	Sim	Acho que alguns contos de fadas originais podem ser muito violentos e assustadores para crianças pequenas. É importante considerar cuidadosamente a idade e a maturidade dos meus alunos antes de decidir usar um conto de fadas original.
Prof. 2 (4º ano)	Sim	Eles trazem uma certa violência e desfecho que podem ser perturbadores para crianças nos anos iniciais.
Prof. 3 (5º ano)	Sim	Os contos de fadas originais contêm bastante simbolismo e valores conservadores.
Prof. 4 (5º ano)	Sim	Estereótipos físicos (loiras, magras) cabelos lisos, olhos azuis.

Identificamos nestas respostas que os Prof. 1 (4º ano) e Prof. 3 (5º ano), mesmo usando os contos em suas aulas, demonstram um olhar mais detalhado sobre os elementos presentes nas histórias, concebendo, por exemplo, os contos como com violência e acontecimentos assustadores.

Sobre isso, o pesquisador Bettelheim declara que “Alguns pais temem que os filhos sejam arrebatados pela fantasia: que expostos aos contos de fadas, passem a acreditar em magia.”. Também, “outros pais temem que a mente da criança possa ficar tão entupida de fantasia de fadas que não aprenda a lidar com a realidade” (Bettelheim, 2002, p.149). Ou seja, os pais evitam seus traumas ou não sabem lidar com as narrativas que o façam lembrar de questões mal resolvidas, refletindo assim no desenvolvimento da criança. Como Lopes e Martins (2017) afirmam, as histórias dos contos de fadas exercem uma função importante no processo emocional e psicológico das crianças, principalmente nos anos iniciais, facilitando o entendimento dos símbolos expostos em cada conto. Contudo, a compreensão dos elementos do bem ou do mal, da virtude ou das dificuldades, reflete muito sobre a

formação da identidade de cada criança, enriquecendo cada vez mais a imaginação infantil. Por meio das imagens criadas em cada narrativa, a criança se transporta para um universo fantástico, que, embora desconhecido, acaba se tornando próximo e significativo para sua realidade.

Continuando, no quadro 6, referente às respostas obtidas na pergunta quatro: “Em sua opinião, qual o maior desafio ao trabalhar com contos de fadas originais em sala de aula?”

Quadro 6 - Respostas da quarta pergunta.

Prof. 1 (4º ano)	O maior desafio é garantir que os alunos compreendam o contexto histórico e cultural dos contos de fadas. Também é importante ajudá-las a pensar criticamente sobre as mensagens dos contos de fadas.
Prof. 2 (4º ano)	Seria adaptar as histórias sem impactar negativamente o emocional da criança.
Prof. 3 (5º ano)	O maior desafio é desconfigurar o conservadorismo e fazer uma ligação com os valores atuais.
Prof. 4 (5º ano)	Desmistificar os estereótipos femininos e a busca que a mulher tem de ter sempre um príncipe para ser feliz.

Quando se fala de desafios para um professor, precisamos pensar desde o período de planejamento até o desfecho final, porque, segundo Paiva (2014), os desafios vivenciados pelos professores vêm desde como fazer a leitura ser algo que agrade ou desperte o interesse dos alunos. Como vimos nas respostas do quadro 6, os entrevistados apresentaram desafios e preocupações diferenciadas, partindo desde o contexto histórico, cultural, emocional até o conservadorismo e os estereótipos.

Segundo Gomes e Silva (2019, p.112),

No discurso dos professores da Educação Infantil, é importante e possível articular os Contos de Fadas com as disciplinas que lecionam e com os conteúdos que serão abordados em sala de aula, uma vez que tais histórias são consideradas lúdicas. Logo, os Contos são tomados como uma ferramenta complementar ao ensino pedagógico.

Quadro 7 - Respostas.

5. Você acha que a utilização dos contos de fadas originais poderia contribuir para o desenvolvimento da criatividade das crianças?			
	Sim	Não	Não sei
Prof. 1 (4º ano)	X		
Prof. 2 (4º ano)			X
Prof. 3 (5º ano)	X		
Prof. 4 (5º ano)		X	

Como podemos notar nas respostas dos entrevistados, 50% acreditam que os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade das crianças. Segundo Guimarães e Heil (2017), devemos levar em consideração que os contos de fadas foram pensados há muito tempo, diferente da realidade em que vivemos hoje, diferente principalmente da realidade dos alunos, mas precisamos compreender que os contos de fadas surgiram para tratar de assuntos mais difíceis de uma maneira mais tranquila.

Quadro 8 - Respostas.

6. Você acredita que é possível adaptar os contos de fadas originais sem perder sua essência?			
	Sim	Não	Não sei
Prof. 1 (4º ano)	X		
Prof. 2 (4º ano)	X		
Prof. 3 (5º ano)	X		
Prof. 4 (5º ano)	X		

No quadro seis, percebe-se que 100% dos professores acreditam na possibilidade das adaptações dos contos de fadas originais. Mesmo eles respondendo 100% que acreditam na possibilidade das adaptações dos contos de fadas originais, na questão sete - “Com que frequência você utiliza versões

adaptadas de contos de fadas em suas aulas?” -, obtivemos 75% das respostas que só “Às vezes” fazem uso das versões adaptadas.

Já quanto à oitava pergunta - “Você considera importante que os alunos tenham contato com as versões originais de contos de fadas para o desenvolvimento cultural e moral?” - novamente 50% de afirmativas positivas, 25% não e 25% não sabe responder, como se pode notar nos quadros 9 e 10 abaixo.

Quadro 9 - Respostas.

7. Com que frequência você utiliza versões adaptadas de contos de fadas em suas aulas?				
	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Prof. 1 (4º ano)		X		
Prof. 2 (4º ano)		X		
Prof. 3 (5º ano)	X			
Prof. 4 (5º ano)		X		

Quadro 10 - Respostas.

8. Você considera importante que os alunos tenham contato com as versões originais de contos de fadas para o desenvolvimento cultural e moral?			
	Sim	Não	Não sei
Prof. 1 (4º ano)	X		
Prof. 2 (4º ano)			X
Prof. 3 (5º ano)	X		
Prof. 4 (5º ano)		X	

Também observamos que os pesquisados nas questões 9 e 10 relatam que “As crianças geralmente gostam de contos de fadas modernos, porque são mais relacionáveis e fáceis de entender” – Prof. 1 (4º ano), assim como, a Prof. 2 (4º ano) relata que “Elas reagem com curiosidade e entusiasmo”. É perceptível nas falas dos professores que as crianças gostam de contos, de modo que podemos criar

hipóteses que seria por despertar a imaginação e o interesse pelo que seria fantástico, misterioso e pelos conflitos e desfechos mais inesperados. Já o Prof. 4 (5º ano) fala que “Eles têm identificação e se sentem representados nos personagens”, e o Prof. 3 (5º ano) aponta que “Há um certo encantamento e discussão sobre as comparações (entre o tradicional – original) e o moderno”. As crianças têm facilidade de entrar no mundo mágico dos contos, a entender vivência dos personagens, os fatos iniciais e de todo o desenvolvimento dos contos, permitindo, assim, analisar os diversos mundos das histórias, identificando o medo, a superação, amizade e os diferentes tipos de comportamento, criando conexões profundas com as histórias lidas ou contadas.

Os relatos dos professores nos mostrou o desempenho e o olhar diferenciados para os contos, tornando mais claro nesta pesquisa, que as crianças realmente se encantam com os contos, principalmente os modernos, talvez por serem mais os fornecidos e mais utilizados pelos professores, deixando claro também que alguns não sentem tanta segurança em trabalhar alguns elementos simbólicos dos contos mais tradicionais. Mesmo assim, dá pra perceber que os contos despertam nas crianças curiosidade, empolgação e, principalmente, identificação. Elas entram de cabeça naquele mundo mágico, entendem bem os personagens, acompanham os acontecimentos e ainda conseguem tirar lições, e o professor pode fazer comparações entre o tradicional e o moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que os contos de fadas têm um papel muito importante na formação literária das crianças e na formação cultural de diferentes sociedades, concluímos que essas histórias, cheias de magia, simbolismos e lições importantes, atravessaram gerações e fazem parte do repertório cultural de muitos povos. Assim, precisamos como educadores introduzir os contos, enfrentando muitas vezes o próprio funcionamento das escolas que às vezes dificulta a utilização dessas histórias e o uso em suas versões originais.

Vimos no decorrer da pesquisa que os currículos escolares são formulados para atender a objetivos específicos, e isso acaba limitando o espaço para textos literários mais complexos, que exigem interpretações mais elaboradas. Contudo, as versões adaptadas, por outro lado, costumam ser mais simples segundo a visão dos professores entrevistados. Podemos enfatizar que esses contos, além de despertarem a imaginação, ajudam no desenvolvimento da interpretação de texto e possibilitam debates sobre valores, cultura e até mesmo as transformações pelas quais passaram ao longo do tempo.

Com o questionário, verificamos que os professores, mesmo estando atuando em séries diferentes, buscam meios de introduzir contos, sem se arriscar ou se desafiar na utilização dos contos originais. Assim, buscamos compreender a razão para isso, com os dados obtidos, conferidos os fenômenos com base nas percepções e experiências dos envolvidos. Notamos que os quatro entrevistados que estão atuando apresentam algumas ponderações, que enfatizam a nossa hipótese, de que os professores têm certo receio quando se trata de elementos universais presentes nas emoções humanas como medo, o abandono, a coragem, o desejo de superação, a inveja, o amor.

Observamos também que professores percebem que as crianças sentem vontade de se expressar com a leitura e os espaços durante as conversas, de modo que os ambientes podem se transformar para que as crianças se sintam seguras para expor suas emoções.

Conseguimos identificar nas entrevistas que, ao compartilhar essas histórias com nossos alunos, oferecemos a eles uma excelente oportunidade de se conectar com histórias mais profundas. Não apenas expandindo seus horizontes culturais,

mas também contribui para o enriquecimento do vocabulário e para o desenvolvimento da linguagem.

Por último, está exposto o plano de aula, com recursos e materiais que tornam possível a aplicabilidade do plano, fundamentando-se pelo fato que contar histórias para crianças, estimulando ainda mais todo o processo eficaz de aprendizagem, ganhando a atenção dos alunos e promovendo uma compreensão ainda mais completa sobre o enredo, personagens, cenários e elementos textuais fantásticos. O plano faz uso dos símbolos que se apresentam no conto *Um Palácio Noite Adentro*, de Marina Colasanti, como ambiente fantástico e misterioso do castelo, solidão e isolamento do personagem, o tempo, o poder e suas consequências, a busca por algo além, simbolismo do palácio. O plano foi desenvolvido pensando nos relatos dos entrevistados, com possibilidades de alterações baseadas em sua realidade de sala de aula.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BEZERRA, Gabriela Pereira. **Contos infantis: qual sua importância para o desenvolvimento cognitivo da criança?**. Salvador, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.

CONCEIÇÃO, Luciária Menezes da; FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan; JESUS, Daiane Andrade de. **A Estética da Recepção e o Ensino de Literatura na Educação Básica**. Aracaju/Sergipe, 2018.

CORSO, D. L. e CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**. Atualizado em 26/3/2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/EST_RECEP_TEORIA_EFEITO.pdf Acesso em: 20 out. 2024.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores**. São Paulo: SENAC, 2019.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Bebedouro-SP, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Larissa Santos; SILVA, Cláudia Yaísa Gonçalves da. Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 49, p. 99-115, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752019000200011&lng=pt&nrm=iso> acessos em 20 out. 2024.

GONÇALVES, Laiza Karine. **A leitura do conto de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil**. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GUGEL, R. F.; FLÂNGARO. C. S. O ensino da literatura pautado na estética da recepção. In: Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor. **Caderno PDE**, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.educacao.pr.gov.br/?r=42865> Acessado em: 20 de Out. 2024.

GUIMARÃES, Jaqueline; HEIL, Lilia Schainiuka. O Conto de Fadas e o Desenvolvimento da Criança. Trabalhos De Conclusão De Curso - Faculdade Sant'Ana. 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/606> Acessado em: 20 Out. 2024.

GUIMARÃES, Millene Cristina Da Silva. Reflexões sobre o ensino de literatura para o incentivo da leitura de textos literários. Trabalhos De Conclusão De Curso - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/3492> Acessado em: 30 de Out. 2024.

KIELB, Eliziane Gorete; SILVA, Ivone Maria. Contos de fadas na sala de aula: perspectivas de professoras atuantes na Educação Infantil. **Pro-Posições 34**. Campinas - SP, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0155> Acessado em: 30 de Out. 2024.

KRUG, Flávia Susana. A Importância da Leitura na Formação do Leitor. **Rei Revista de Educação do Ideau**. Dezembro 2015. vol.10- N°22. 14 f. Instituto do Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai- IDEAU.URUGUAI, 2015

LIMA, Terezinha Alves Farias; WEINGARTNER, Juliana Barbosa Moraes. A importância dos contos infantis para o desenvolvimento emocional das crianças. **Revista Educação**, Pesquisa e Inclusão, v. 5, p. 1-12, 2024.

LOPES, Letícia Henkel; MARTINS, Viviane Lima. Os contos de fadas como contribuição para a construção da identidade infantil. **Intr@ciencia** Edição 13, 2017.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e sociedade**. Campinas. Vol.27, n. 94, jan/abr, 2006.

OLIVEIRA, A. A. . **Leitura, Literatura Infantil e Doutrinação da Criança**. 1. ed. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.

OLIVEIRA, Dalila Marques Da Cunha De. **A presença dos contos de fadas na escola: sua importância na formação de leitores**. Tocantinópolis – TO, 2016.

PAIVA, Míriam Firmino da Silva. **Os contos de fadas como instrumento para a formação de leitores na educação infantil.** UERN/CAMEAM, 2014.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Porto Alegre: Feevale, 2013.

SILVA, E.T. **Leitura na escola e na biblioteca.** 8. Ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SOUSA, Ana Cristina Alves dos; MACHADO, Lacy Guaraciaba. **Contos de fadas: Versões em movimento.** GOIÂNIA, 2014.

ZILBERMAN, Regina, MAGALHÃES, Lúgia Cademartori. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ática, 1982.